

O território quilombola, em comunidades no interior do nordeste do Brasil: caracterização socioeconômica e estrutural preliminar

The quilombola territory in communities in the interior of Brazilian Northeast: preliminary socioeconomic and structural characterization

El territorio quilombola, en comunidades en el interior del noreste de Brasil: caracterización socioeconómica y estructural preliminar

Recebido: 22/09/2021 | Revisado: 30/09/2021 | Aceito: 16/10/2021 | Publicado: 18/10/2021

Luciana Batista Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7569-9352>
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Brasil
E-mail: luciana.lima@ifma.edu.br

Alyne Freire de Melo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0234-773X>
Universidade Federal do Piauí, Brasil
E-mail: alynemelo@yahoo.com.br

Douglas Rafael e Silva Barbosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0234-773X>
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Brasil
E-mail: douglas.barbosa@ifma.edu.br

Resumo

Remanescentes das comunidades de quilombos são os grupos étnicos raciais, que cada vez mais tem criado novos espaços de debates, por meio de organizações, representações políticas e movimentos diante da sociedade em geral. Este artigo tem como objetivo caracterizar o território quilombola do município de Caxias, por meio das três comunidades tituladas: Jenipapo, Olho d'água do Raposo e Usina Velha. A população para estudo foram 663 moradores das três comunidades, onde analisou-se informações disponíveis no banco de dados do Ministério de Desenvolvimento Social. Por meio destes, descreveu-se aspectos relacionados ao perfil da população das três comunidades, dos seus domicílios, da situação socioeconômica e das condições sanitárias e o saneamento das famílias. Os resultados sugerem a necessidade da implantação de estratégias e políticas públicas para melhorar a qualidade de vida da população local e reduzir o grau de vulnerabilidade dos quilombolas.

Palavras-chave: Comunidade tradicional; Territorialidade; Condições sociais e econômicas.

Abstract

The remnants of the quilombola communities are racial-ethnic groups, which have increasingly created new spaces for debate, through organizations, political representations, and movements in society in general. This article aims to characterise the Quilombola territory in the town of Caxias, Maranhão State, across the three communities: Jenipapo, Olho d'água do Raposo and Usina Velha. The study population consisted of 663 residents from the three communities, where the information available in the Ministry of Social Development database was analyzed. Aspects related to the population profile of the three communities, their homes, socio-economic conditions, and family sanitation were described. The findings suggest the implementation of public policies and strategies for improving the quality of life of the local population and reducing the vulnerability of quilombolas.

Keywords: Traditional community; Territoriality; Social and economic conditions.

Resumen

Remanentes de las comunidades de quilombos son los grupos étnicos raciales, que cada vez más han creado nuevos espacios de debates, por medio de organizaciones, representaciones políticas y movimientos ante la sociedad en general. Este artículo tiene como objetivo caracterizar el territorio quilombo del municipio de Caxias, por medio de las tres comunidades nominadas: Jenipapo, Olhod'agua do Raposo y UsinaVelha. La población para todo el estudio fueron 663 habitantes de las tres comunidades, donde se analizó la información disponible en la base de datos del Ministerio de Desarrollo Social. Por medio de estos, se describieron aspectos relacionados al perfil de la población de las tres comunidades, de sus domicilios, de la situación socioeconómica y de las condiciones sanitarias y el saneamiento de las familias. Los resultados sugieren la necesidad de implementar estrategias y políticas públicas para mejorar la calidad de vida de la población local y reducir el grado de vulnerabilidad de los quilombolas.

Palabras clave: Comunidad tradicional; Territorialidad; Condiciones sociales y económicas.

1. Introdução

As comunidades remanescentes de quilombos são formadas, em sua maioria, por indivíduos de ancestralidade africana, algumas ainda vivem isoladas culturalmente e geograficamente. Essas populações tem despertado amplas discussões relacionadas a questões socioeconômicas, espaciais, jurídicas e culturais, pois a identidade quilombola surge vinculada a como esses grupos relacionam-se com seu território, com seus antepassados e suas práticas e tradições culturais.

Ao levar-se em conta comunidades tradicionais, o termo território não significa um simples espaço de reprodução econômica, mas é “chão” (aspas dos autores) das relações sociais e representações imaginárias que vão do mitológico ao religioso, guiando saberes e fazeres destes grupos sobre o meio físico em que habitam, sendo este a base da reprodução física, social, econômica e cultural da coletividade, considerado parte integrante dessas populações (Lacerda & Mendes, 2018).

Nessa direção, observa-se que, enquanto relação de espaço e tempo vivido, esta visão de território tende a ser múltipla, diversa e complexa, contrária à visão promovida pela lógica capitalista hegemônica, pelo Estado territorial moderno, que divulga o território como algo unifuncional em que não admite multiplicidade, sobreposição de jurisdições ou de territorialidades (Haesbaert, 2007).

Este artigo tem como objetivo caracterizar o território quilombola do município de Caxias, sob os aspectos socioeconômicos, estruturais e de saneamento de três comunidades com título de terra reconhecido pelas instituições públicas responsáveis. Esses indicadores sociais permitem perceber as condições mínimas de vida destas populações. Percebe-se que ainda são insuficientes estudos sobre as comunidades quilombolas do município de Caxias, mas vale ressaltar os esforços teóricos realizados nas pesquisas de: Landim et al (2016), que buscou avaliar a (in) segurança alimentar e nutricional em comunidade remanescente de quilombolas em Caxias-MA; Nascimento & Conceição, (2011) que realizou o levantamento etnobotânico das plantas medicinais da comunidade Quilombola Olho D'água do Raposo; Nascimento, et al (2016) que identificou o estado sociodemográfico e da condição de saúde de crianças remanescentes de quilombolas; Andrade (2017), que identificou o nível de autocuidado com a saúde na população; e Silva (2012), analisou narrativas orais em comunidades quilombolas do território de Caxias e de Gaioso (2006), que mapeou as comunidades por meio da cartografia social do território quilombola.

Fizeram parte deste estudo, a população das três comunidades tituladas, mas compreendendo que este é bem maior, não contínuo e disperso em todo perímetro municipal, cada grupo mantendo suas especificidades, diferenças e distâncias, não só do ponto de vista geográficas, mas quanto às suas trajetórias histórico-sociais próprias (Chiavegatto filho & Laurenti, 2013).

2. Metodologia

Esta análise foi realizada com dados referentes a 222 famílias, localizadas nas comunidades Jenipapo, Olho D'Água do Raposo e Usina Velha (BRASIL, 2020). Os dados foram coletados no site do Ministério de Desenvolvimento Social e são referentes a abril/maio de 2020 e estão relacionados à caracterização da população e residências, perfil econômico, acesso a educação e de condições de saneamento, portanto trata-se de uma pesquisa documental, analisando dados secundários sobre o tema proposto.

2.1 Caracterização do território quilombola em Caxias

O município de Caxias no Maranhão, conta com uma população de 155.129 habitantes (IBGE, 2010) sendo que destes 118.534 estão, na zona urbana e na área rural 36.595 habitantes, numa área aproximada de 5.196 Km², localizada no extremo leste do Estado.

No Brasil, até fevereiro do ano de 2020, a Fundação Cultural Palmares registrou a existência de 3.432 comunidades identificadas como remanescentes de quilombo. Deste total, 2.777 (80,91%) possuem certidões oficiais. Destas comunidades 2.169, estão na região Nordeste, o que corresponde a 63,31% e destas, 1.700, (61,21%) já estão com suas certidões expedidas

(FCP, 2020). Na região Nordeste, o estado com maior quantidade de comunidades quilombolas identificados é o Maranhão; é também o segundo com maior número de comunidades identificadas, ficando atrás apenas da Bahia. Em solo maranhense, das 835 comunidades identificadas, 579 (34,05% do total) são certificadas (38,49% do total quilombola nordestino) no total (Tabela 1). No território de Caxias, são seis comunidades identificadas, mas somente, três certificadas pelo INCRA.

Tabela 1 – Comunidades identificadas e comunidades certificadas.

	Nº Comunidades identificadas	Nº certidões expedidas
Brasil	3.432	2.777
Nordeste	2.169	1.700
Maranhão	835	579
Caxias	6	3

Fonte: Fundação Cultural Palmares (2020). Organizado pelos autores.

Contudo, em 2006, o projeto Nova Cartografia Social da Amazônia - Quilombos de Caxias, coordenado por docentes da Universidade Estadual do Maranhão do município, aprofundou-se no mapeamento das populações quilombolas do município e observou, em diversas comunidades, aspectos que os classificariam como quilombolas: etnicidade, atos, falas, sentimento de autonomia, preservação de relíquias de antepassados, histórias, memória de escravidão, religiosidade, e práticas de construção de uma territorialidade específica (Gaioso, 2006). Na ocasião, registraram doze grupos, destacados na Tabela 2.

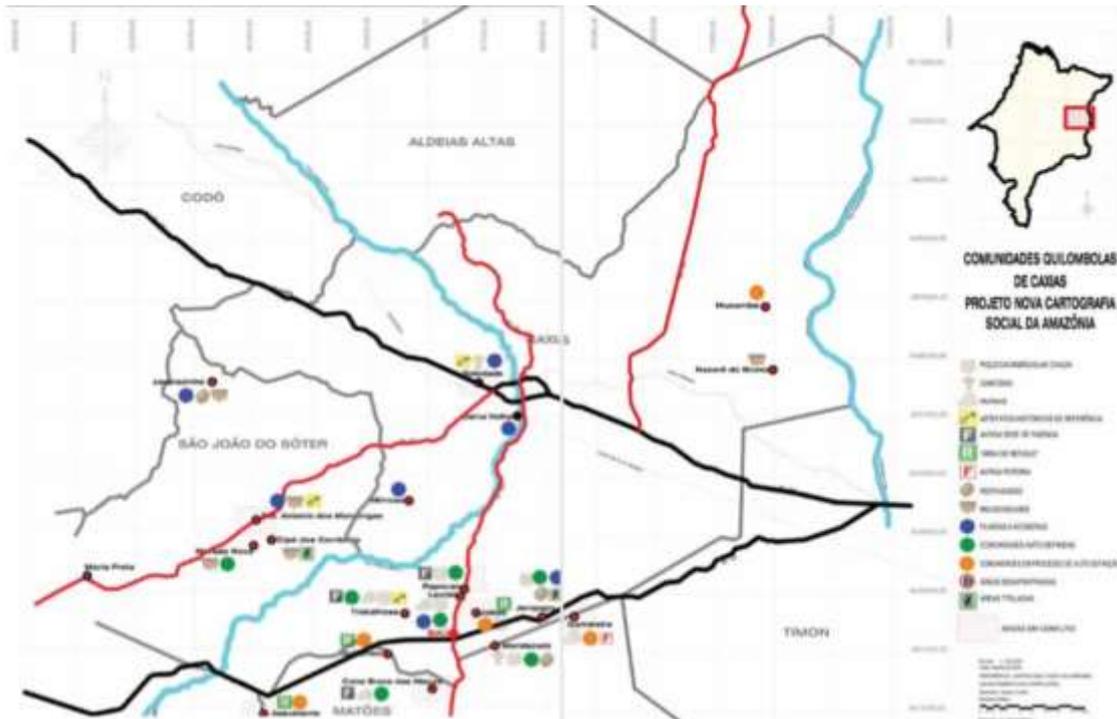
Tabela 2 - Comunidades identificadas como quilombolas – Cartografia Social da Amazônia.

Comunidades identificadas como quilombolas – Cartografia Social da Amazônia			
Gameleira	Quilombo	Trabalhosa	Lavras
Jenipapo	Olho D'água do Raposo	Usina Velha	Santo Antonio do Mocambo
Mimoso	Soledade	Jaboti	Nazaré do Bruno

Fonte: Nova Cartografia da Amazônia (2006). Organizado pelos autores.

Como um dos resultados desse trabalho, durante os trabalhos de campo, foi elaborado, juntamente com os grupos identificados, um mapa representando a cartografia social do território quilombola de Caxias, registrado na Figura 1.

Figura 1 – Cartografia social – comunidades quilombolas do município de Caxias.



Fonte: Gaioso (2006).

Em levantamento de dados no Conselho Municipal de Igualdade Social de Caxias, registrou-se, até junho de 2020, 21 comunidades identificadas como quilombolas em todo o território do município (Tabela 3). De fato, ocorre dificuldade em estabelecer números precisos de populações tradicionais no Brasil, ainda mais quando se trata dos quilombolas, haja vista que trata-se de uma identidade que vêm sendo construída gradualmente dentro dos grupos (Martins, et al, 2012), por meio de processos de autoafirmação, reconhecimento, valorização e mobilização em torno da garantia de direitos adquiridos.

Tabela 3 - Comunidades identificadas como quilombolas – CONMIR.

Gameleira	Quilombo	Trabalhosa	Lavras
Cajueiro	Olho D'água do Raposo	Usina Velha	Santo Antonio do Mocambo
Mimoso	Lagoa dos Pretos	Jaboti	Nazaré do Bruno
Engenho D'Água	Barra da Tereza	São Felix	Zinga
Santa Cruz	Fazenda Nova	Cana Brava das Moças	Jenipapo
Soledade			

Fonte: Conselho Municipal de Igualdade Racial (2020). Organizado pelos autores.

Percebe-se que número de terras de quilombos tituladas no país é muito pequeno em relação a demanda existente. Faz-se necessário o reconhecimento desses territórios de uso tradicional e coletivo, refundados em tradições culturais, com fortes processos de resistência e estruturas sociais que remetem a demandas pela implementação de políticas sociais assegurando a permanência em seus territórios (Paixão, 2011).

De acordo com dados disponíveis pela Fundação Cultural Palmares, no município de Caxias, há 6 comunidades em situação de processo de titulação: Cana Brava das Moças e Soledade, reconhecidas em 2013; Jenipapo, reconhecidas em 2014; Mimoso; Lavra; e Lagoa dos Pretos e Centro da Lagoa, reconhecidas em 2018, destacadas na Tabela 4.

Tabela 4 - Comunidades certificadas em Caxias – MA.

COMUNIDADE	ETAPA ATUAL PROCESSO FCP	Nº DA PORTARIA	DATA DA PORTARIA NO DOU
CANA BRAVA DAS MOÇAS	Certificada	109/2013	30/07/2013
SOLEDADE	Certificada	109/2013	30/07/2013
JENIPAPO	Certificada	87/2014	31/07/2014
MIMOSO	Certificada	302/2018	12/11/2018
LAVRA	Certificada	274/2018	08/11/2018
LAGOA DOS PRETOS E CENTRO DA LAGOA	Certificada	266/2018	08/11/2018

Fonte: Fundação Cultural Palmares (2020). Organizada pelos autores.

As três comunidades remanescentes de quilombo que passaram por todo o processo de Titulação de Território Quilombola conforme a regulamentação do órgão (FCP, 2020), são: Jenipapo, reconhecida em 2002; Olho D'Água do Raposo, reconhecida em 2005; e Usina Velha, reconhecida em 2006. As três comunidades abrigam, juntas 222 famílias, 74 na comunidade Jenipapo, 72 na Olho D'Água do Raposo e 76 na Usina Velha (BRASIL, 2020). É com base nas informações disponíveis no banco de dados do Ministério do Desenvolvimento Social destas três comunidades que será caracterizado o território quilombola do município (Tabela 5).

Tabela 5 - Comunidades tituladas em Caxias – MA.

COMUNIDADE	QUANT. FAMÍLIAS	ÁREA (ha)	DATA DA PORTARIA NO DOU
Jenipapo	74	558,52	01/11/2002
Olho D'Água do Raposo	72	187,33	27/12/2005
Usina Velha	76	1.160,96	01/09/2006
Total:	222	1.906,81	

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Social (2020). Organizada pelos autores.

As análises deste estudo foram feitas com os dados de 222 famílias, contando com uma população de 663 remanescentes de quilombos.

3 Resultados

3.1 Aspectos demográficos

Nas três comunidades quilombolas da cidade de Caxias, Maranhão, constatou-se que as comunidades são formadas, em sua maioria (54,03%), por mulheres e a faixa etária mais comum (25,75%) e de crianças de idades entre 07 a 15 anos. No que se refere a questões de educação acadêmica, 71,09% dos quilombolas têm conhecimentos de leitura e escrita, mesmo que a maior parte (46,60%) não tenha finalizado o ensino fundamental (Tabela 6). Na variável cor ou raça, 5,8% se declararam negros, e grande maioria (93,7%) se considera como pessoa de cor parda.

Tabela 6 - Distribuição de variáveis demográficas: sexo, faixa etária, cor e raça e instrução. População quilombola, Caxias, MA.

Variáveis	Indivíduos	Percentual
Sexo	n	%
Masculino	291	45,97%
Feminino	342	54,03%
Sem Resposta	0	0%
Faixa Etária		
De 0 a 4	54	8,53%
De 5 a 6	22	3,48%
De 7 a 15	163	25,75%
De 16 a 17	33	3,21%
De 18 a 24	66	10,43%
De 25 a 34	77	12,16%
De 35 a 39	32	5,06%
De 40 a 44	25	3,95%
De 45 a 49	25	3,95%
De 50 a 54	31	4,90%
De 55 a 59	47	7,42%
De 60 a 64	33	5,21%
65 ou Mais	25	3,95%
Sem Resposta	0	0%
Cor ou Raça		
Branca	3	0,5
Preta	37	5,8%
Amarela	0	0%
Parda	593	93,7%
Indígena	0	0%
Sem Resposta	0	0%
Saber ler e escrever		
Sim	450	71,09%
Não	183	28,91%
Sem Resposta	0	0%
Instrução		
Sem instrução	165	26,07%
Fund. incomp.	295	46,60%
Fundamental completo	42	6,64%
Médio Incompleto	34	5,37%
Médio Completo	37	5,85%
Superior inc. e completo	06	0,95%
Sem Resposta	54	8,53%
Total	633	100%

Fonte: Autores.

3.2 Aspectos socioeconômicos

As condições financeiras da população quilombola são, em grande maioria (72,70%), de extrema pobreza, e 80,30% das pessoas recebem o auxílio Bolsa Família do governo. Quando perguntados sobre questões de trabalho remunerado, a maioria (35,07%) não deu uma resposta. Assim, ainda prevalece o ganho familiar mensal menor que um salário mínimo (59,5%). indica que a renda de apenas um salário mínimo seja insuficiente para sustentar uma família e, por conseguinte, proporcionar melhora na qualidade de vida dos moradores.

Tabela 7 - Variáveis econômicas.

Variável	Indivíduo	Percentual
	n	%
Faixa de Renda Familiar per capita		
Extrema Pobreza	460	72,7%
Pobreza	56	8,8%
Baixa Renda	59	9,3%
Acima de ½ Salário Mínimo	58	9,2%
Sem Resposta	0	0
Recebe Bolsa Família		
Sim	508	80,3%
Não	125	19,75%
Trabalho remunerado nos últimos 6 meses		
Sim	203	32,07%
Não	208	32,86%
Sem Resposta	222	35,07%
Total	633	100%

Fonte: Autores.

3.3 Aspectos sanitários e estruturais

Sobre os aspectos sanitários e de estrutura dos domicílios dos quilombolas no território de Caxias-MA, a grande maioria (93,40%) vive em áreas rurais e 94,60% não tem calçamento nas ruas em frente a suas casas. A maioria dos quilombolas (45,66%) vive em casas de taipa sem revestimento e com pisos de cimento (53,55%). A iluminação chega na maior parte das casas (85,47%) a partir da rede elétrica com medidores em cada casa. 63,70% das casas não tem banheiro e grande parte das pessoas (63,28%) não se manifestaram quando questionadas a respeito do escoamento sanitário. A falta de resposta a essa questão pode ter ocorrido pela falta de compreensão sobre o termo “escoamento sanitário” ou às alternativas apresentadas, valendo a pena uma investigação mais aprofundada sobre este aspecto. A maioria das casas (54,34%) é abastecida através da rede de água geral de distribuição fornecida pela prefeitura municipal; o lixo, em grande parte (91,15%), é enterrado ou queimado (Tabela 8). Em sentido amplo, identifica-se que as condições de saneamento se mostraram deficientes, inexistiam serviços públicos de tratamento da água e as condições de habitabilidade eram inadequadas do ponto de vista de infraestrutura mínima necessária.

Tabela 8 - Variáveis de estrutura domiciliar e saneamento básico.

Item	Indivíduo Quilombola	
	n	%
Situação de Domicílio		
Urbanas	42	6,6%
Rurais	591	93,4%
Sem Resposta	0	0%
Há calçamento na frente da sua rua		
Total	33	5,2%
Parcial	0	0,0%
Não existe	599	94,6%
Sem resposta	1	0,2%
Material nas paredes externas		
Alvenaria/tijolo com revestimento	178	28,12%
Alvenaria/tijolo sem revestimento	104	16,43%
Madeira aparelhada	0	0,00%
Taipa revestida	53	8,37%
Taipa não revestida	289	45,66%
Madeira aproveitada	2	0,32%
Palha	1	0,16%
Outro material	5	0,79%
Sem resposta	1	0,16%
Material do piso		
Terra	267	42,18%
Cimento	339	53,55%
Madeira aproveitada	0	0,00%
Madeira aparelhada	0	0,00%
Cerâmica, lajota ou pedra	26	4,11%
Carpete	0	0,00%
Outro material	0	0,00%
Sem resposta	1	0,16%
Iluminação		
Elétrica com medidor próprio	541	85,47%
Elétrica com medidor comunitário	3	0,47%
Elétrica sem medidor	1	0,16%
Óleo, querosene ou gás	27	4,27%
Vela	2	0,32%
Outra forma	58	9,16%
Sem resposta	1	0,16%
Existência de banheiro		
Sim	229	36,2%
Não	403	63,7%
Sem resposta	1	0,2%
Abastecimento de água		
Rede geral de distribuição	344	54,34%
Poço ou nascente	254	40,13%
Cisterna	0	0%
Outra forma	34	5,37%
Sem resposta	1	0,16%
Coleta de Lixo		
É coletado diretamente	4	0,63%
É coletado indiretamente	30	4,74%
É queimado ou enterrado	577	91,15%
É jogado em terreno baldio ou logradouro	8	1,26%
É jogado em rio ou mar	1	0,16%
Tem outro destino	12	1,90%
Sem resposta	1	0,16%
Escoamento Sanitário		

Rede coletora de esgoto ou pluvial	3	0,47
Fossa séptica	168	26,54%
Fossa rudimentar	58	9,6%
Vala a céu aberto	0	0%
Direto para rio/lago/mar	0	0%
outra forma	0	0%
Sem resposta	404	63,82%
Total	633	100%

Fonte: Autores.

4 Discussão

Os resultados relacionados às características socioeconômicas, estruturais e demográficas dos participantes desta pesquisa corroboram com outros estudos similares realizados com populações quilombolas localizados em outros estados do Brasil. A maior população feminina quilombola, também pode ser identificada em outros estudos: em comunidades de Vitória da Conquista na Bahia, a população pesquisada por Bezerra et al, (2014), contava com 54,3% do sexo feminino; na comunidade quilombola Curiaú, em Macapá-AP, pesquisada por Silva, Freitas, Santos e Solto (2013), identificaram 53,12%, de mulheres; na comunidade Abacatal/Aurá, no Pará, Freitas, Rodrigues, Silva e Nogueira (2018), encontraram um percentual de 67,69% de mulheres no grupo. Em sentido amplo, dentro das relações familiares e de trabalho em comunidades tradicionais, tem-se percebido forte presença das mulheres, indo para além da função reprodutiva, mas diretamente ligadas à dinâmica dos processos produtivos sem descuidar do sentido de proteção e de instrutoras todo grupo familiar (Silva, 2013). Aspectos como frequentes migrações dos homens jovens para outras regiões em busca de trabalho, menor expectativa de vida do sexo masculino, também devem ser considerados quando se trata da análise de maior presença do sexo feminino entre as populações quilombolas.

Um ponto que merece destaque no quesito cor e raça, no território de Caxias, refere-se ao baixo percentual dos indivíduos que se declaram negros, apenas 5,8%. A grande maioria dos quilombolas (93,7%) do território de Caxias, se considera como pessoa de cor parda. Comparando-se com outras comunidades este percentual pode ser considerado baixo: em Vitória da Conquista, Kochergin; Proiett; César, 2014, o estudo apontou que 39,4%, se identificava como de cor preta e 44,6%, como pardos; Freitas, Rodrigues, Silva e Nogueira (2018), mostrou o predomínio de pessoas negras (81,54%); no estudo de Bezerra, et al (2014), se referiram ter a cor parda (44,7%) ou preta (39,1%).

Dados do último censo do IBGE (2010), 45,5% da população brasileira se autodeclararam de cor branca, e as pessoas que se declaravam de cor parda representava 45% do total. De fato, somente 8,6% se declararam de cor preta e 0,9% declararam outra cor ou raça (indígena ou amarela). Para efeitos de políticas públicas voltadas para igualdade racial, são considerados negros ou afrodescendentes, os pretos e pardos e a variável raça/cor e etnia faz parte de um dos elementos de todo um contexto político, sociocultural, econômico e ambiental. No estudo de Lima Filho, Silveira e Cardoso (2016), realizado em 12 comunidades na Ilha do Marajó, no Pará, o autor destaca que, no período da realização da pesquisa, estas não se viam quilombolas. Porém, o processo de autoidentificação, enquanto preto, negro ou quilombola, não acontece “de repente”, (Lima filho, 2016). Assim, variável raça/cor e etnia deve ser compreendida sob aspectos que envolve construção local, histórica e culturalmente determinada (Kabad, Bastos & Santos, 2012). Percebe-se que este deve por construído pela soma de forças envolvendo instituições sociais externas, por exemplo: conselhos de igualdade racial, sindicatos rurais, universidades; e também forças internas como lideranças locais, associações de moradores, dentre outras.

No que se refere a situação econômica, observa-se de modo geral que, um baixo nível socioeconômico, tem sido demonstrado pelos estudos: Bezerra, et al (2014), quanto à renda familiar per capita, mais da metade (58,4%) recebia até 1/4 do salário-mínimo. Seguidos também pelo que foi identificado em Rangel et al, (2014) com 59,5%; Freitas; Rodrigues; Silva e Nogueira (2018) que obtiveram 57,69%. Silva, et al, (2013), na comunidade quilombola de Curiaú somente 9,52% dos

entrevistados declararam ganhar até um salário mínimo; Observou-se que apenas 1,3% dos Kalungas, em Goiás, possuíam emprego formal fixo, enquanto que os demais, 98,7% sobreviviam com atividades informais (Rangel, et al., 2014). Esses dados podem ser reflexos de: poucos empregos que existentes nos territórios; baixa escolaridade da maioria das populações jovens e adultas, o que diminui a oportunidade de trabalho com melhores remunerações; desta feita, renda baixa também pode representar empecilhos para a melhoria das condições de vida e assistência à saúde aos indivíduos dessa população por limitações seu poder de compra (Silva, et al, 2013), (Rangel, et al., 2014), (Freitas, et al., 2018). Ainda segundo os autores, foi verificada construção em alvenaria em 82,31% dos domicílios pesquisados. Quanto ao destino do lixo, 95,4% dos Kalungas afirmaram que o acumulavam no entorno do terreno das casas, para queimar posteriormente (Rangel, 2014). No quilombo Abacatal no Pará, a rede elétrica é a principal fonte de energia elétrica (96,15%), e o escoamento de dejetos sólidos e líquidos ocorre por meio da fossa séptica (66,15%), e a principal fonte de abastecimento de água da comunidade era o poço artesiano/água não tratada (55,38%) (Freitas, et al., 2018).

Em estudos realizados por Amorim (2013), 88% das residências, não possuíam água encanada, sendo os poços, cisternas ou açude, as principais fontes de obtenção de água. (2018). Silva, Freitas, Santos; Souto (2013) em comunidade quilombola do Amapá constataram que 78,57% tem acesso a abastecimento de companhia de saneamento municipal, por meio de poços amazonas (78,57%). Sobre a destinação do lixo doméstico, no quilombo Curiaú, observa-se que em 50% das residências, o lixo é coletado pelo menos uma vez por semana pelo serviço público municipal de Macapá, em 45% é queimado ou enterrado na propriedade, e em 5% dos domicílios o lixo é jogado em terreno baldio. A análise sobre as questões sanitárias e estruturais em que as comunidades vivem, se torna importante por demonstrar em que medida a população está exposta a vetores transmissores de patologias, e o quanto podem estar vulneráveis, pela falta de assistência de saúde integral nas localidades em que residem. Por outro lado, o acesso a rede elétrica representa a possibilidade da aquisição de uma variedade de bens de consumo, especialmente eletroeletrônicos, que já fazem parte do cotidiano das populações por mais isoladas que estas pareçam estar.

A dificuldade em condições adequadas de escoamento sanitário foi verificada em outras áreas com remanescentes de quilombo: em comunidade no interior da Bahia, Amorim et al, (2013) identificaram que 75,3% das residências não possuem sanitário e 43,7% dos entrevistados declaram que a eliminação dos dejetos sanitários é feito na superfície do solo ou em valas no peridomicílio. Rangel et al, (2014) em comunidade do interior do Goiás, viram que a utilização de fossa séptica ocorria em apenas 21,6% dos casos, sendo que os demais moradores utilizavam fossa negra (58,2%) ou despejam o esgoto a céu aberto (20,3%). A ausência de sanitário na maior parte das casas e a principalmente eliminação dos dejetos no entorno do domicílio por uma parcela significativa das famílias, deixa-as exposta à disseminação de vetores e micro-organismos causadores de doenças endêmicas e parasitoses e a contaminação das águas dos recursos hídricos disponíveis no território, principalmente quando este tem um alto percentual de população de crianças como no território quilombola de Caxias. Quanto à eliminação de dejetos sólidos e líquidos, ainda que a maioria dos domicílios possua fossa séptica, o uso da fossa rudimentar e do banheiro no fundo do quintal ainda é uma realidade nas comunidades. Esta forma de descarte também é propícia ao aparecimento de vetores responsáveis por causar doenças parasitárias e endêmicas.

5 Considerações Finais

O presente trabalho possibilitou a caracterização da população das comunidades quilombolas Jenipapo, Olho D'água do Raposo e Usina Velha, destacando variáveis que servem como indicadores da situação socioeconômicas, estruturais e de saneamento das populações, que podem repercutir em suas condições de vida, desde questões de saúde, consumo, segurança alimentar, socioculturais, dentre outras. Percebe-se a necessidade de aprofundamento teórico no território quilombola de Caxias, no sentido de avaliar estes diversos aspectos, tanto de forma coletiva, como no caso deste estudo, como de forma particular em cada comunidade identificada, sejam estas tituladas ou não. Entende-se que pesquisas direcionadas para as condições de vida

das populações quilombolas em Caxias, sejam fundamentais, visto que permitem maior instrumentalização das instituições e da própria comunidade, fortalecendo vínculos identitários, ampliando seu protagonismo, e assim contribuir para planejamento de ações de acordo com os resultados, levando-se em conta as particularidades deste território, assim como de cada comunidade, valorizando práticas, modo de vida e saberes tradicionais.

Os resultados sugerem a necessidade da implantação de estratégias para melhorar a qualidade de vida e reduzir o grau de vulnerabilidade dos quilombolas. Levando-se em conta que a população quilombola do território de Caxias permeia em um contexto sociocultural e econômico específico, ressalta-se a relevância de mais pesquisas com delineamentos que possibilitem o reconhecimento de suas especificidades, colaborando na construção, implementação e fortalecimento de políticas públicas que contribuam para o fortalecimento interno, no enfrentamento das desigualdades, reconhecimento de direitos, e do seu território, reduzindo assim, a vulnerabilidade social destas, o que pode levá-las um novo cenário político.

Referências

- Amorim, M. M., Tomazi, L., Silva, R. A. A., de Souza Gestinari, R., & Figueiredo, T. B. (2013). Avaliação das condições habitacionais e de saúde da comunidade quilombola Boqueirão, Bahia, Brasil. *Bioscience Journal*, 29(4).
- Andrade, J. S., Barroso, B. Y. C., da Silva Santos, F. A., dos Santos Lima, G., Lopes, T. C. R., & Oliveira, F. B. M. (2017). Capacidade de autocuidado em saúde na população negra quilombola. *Revista Ciência & Saberes-UniFacema*, 2(4), 291-296.
- Bezerra et al. (2014). Inquérito de Saúde em Comunidades Quilombolas de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil (Projeto COMQUISTA): aspectos metodológicos e análise descritiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19, 1835-1847.
- Brasil (2020). Banco de dados do cadastro único para programas sociais. Ministério do Desenvolvimento Social.
- Brasil. Presidência da República. Casa civil. Decreto no. 4886, de 20 de novembro de 2003.
- Brasil. Presidência da República. Casa civil. Decreto no. 4887, de 20 de novembro de 2003.
- Brasil (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico.
- Caxias (2006). Lei Municipal nº 1.637, que institui o Plano Diretor do Município de Caxias.
- Caldas, D. R. C. (2017). Estado sociodemográfico e condição de saúde de crianças remanescentes de quilombo. *Revista Ciência & Saberes-UniFacema*, 2(4), 279-284.
- Chiavegatto Filho, A. D. P., & Laurenti, R. (2013). Disparidades étnico-raciais em saúde autoavaliada: análise multinível de 2.697 indivíduos residentes em 145 municípios brasileiros. *Cadernos de Saúde Pública*, 29, 1572-1582.
- Freitas, I. A., Rodrigues, I. L. A., da Silva, I. F. S., & Nogueira, L. M. V. (2018). Perfil sociodemográfico e epidemiológico de uma comunidade quilombola na Amazônia Brasileira. *Revista Cuidarte*, 9(2), 2187-200.
- Gaioso, A. V. (2006). Projeto nova cartografia social da Amazônia. Quilombolas de Caxias do Maranhão. *Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos*.
- Haesbaert, R. (2007). Território e multiterritorialidade: um debate. *geographia*, 9 (17), 19-46.
- Kabad, J. F., Bastos, J. L., & Santos, R. V. (2012). Raça, cor e etnia em estudos epidemiológicos sobre populações brasileiras: revisão sistemática na base PubMed. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 22, 895-918.
- Kochergin, C. N., Proietti, F. A., & César, C. C. (2014). Comunidades quilombolas de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil: autoavaliação de saúde e fatores associados. *Cadernos de Saúde Pública*, 30, 1487-1501.
- dos Santos Lacerda, R., & Mendes, G. (2018). Territorialidades, saúde e ambiente: conexões, saberes e práticas quilombolas em Sergipe, Brasil. *Sustainability in Debate/Sustentabilidade em Debate*, 9(1).
- Landim, L. A. S. R., Caldas, D. R. C., Magalhães, M. D. J. S., Oliveira, F. B., Souza, I. R., Nascimento, J. H. S., & da Paz, S. M. R. S. (2016). Segurança Alimentar E Nutricional Em Comunidade Remanescente De Quilombolas Caxias-MA. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (4), 156-162.
- Lima Filho, P. M., da Silveira, F. L. A., & Cardoso, L. F. (2016). O desfile da raça: identidade e luta quilombola em Salvaterra, ilha do Marajó, Pará. *Revista Ambivalências*, 4(7), 87-105.
- Lima, R. B., dos Santos, J. U. M., da Luz Freitas, J., & Souto, R. N. P. (2013). Caracterização agroecológica e socioeconômica dos moradores da comunidade quilombola do Curiaú, Macapá-AP, Brasil. *Biota Amazônia (Biote Amazonie, Biota Amazonia, Amazonian Biota)*, 3(3), 113-138.
- Martins et al (2012). Dossier dos conflitos e ameaças de morte contra quilombolas do maranhão In *Quilombolas: reivindicações e judicialização dos conflitos*. Almeida, A. W. B., et al. UEA Edições.

Nascimento, J. M. & da Conceição, G. M. (2011). Plantas medicinais e indicações terapêuticas da comunidade quilombola olho d'água do raposo, Caxias, maranhão, brasil. *Revista Biofar*.

Paixão, R. M. M. (2011). Reflexões sobre os quilombos e as mobilizações no Maranhão. Martins, C. C; Cantanhêde Filho, A.; Gaioso, A. V; Araújo, H. de F. A. (Ed.) *Insurreição de saberes: práticas de pesquisa em comunidades tradicionais*, Manaus.

Rangel, D. L. D. O., Oliveira, C. D., Kyaw, C. M., Caldeira Júnior, A. M., & Monteiro, P. S. (2014). Perfil parasitológico de moradores de uma comunidade quilombola. *Acta Paulista de Enfermagem*, 27(6), 513-519.